

# UNIVERSITÁRIOS ESTRANGEIROS E A IDENTIDADE NACIONAL/ CULTURAL BRASILEIRA: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES

Sudly Amonsens Raphael SAINTIL<sup>1</sup>

Dieumette JEAN<sup>2</sup>

Orientadora. Profa. Dra. Terezinha Maher.

**Resumo:** Partindo da hipótese de que as representações que o estudante estrangeiro constrói acerca da identidade nacional e da cultura do país hospedeiro cumprem papel importante na sua adaptação e no seu sucesso acadêmico, o objetivo principal deste trabalho é descrever e discutir o que alguns estudantes oriundos de diferentes países e matriculados em cursos de graduação e de pós-graduação da Unicamp pensam acerca (i) do que, de um modo geral, constituiria a “identidade nacional” de um povo; (ii) do que constituiria, especificamente, a “brasilidade”, isto é, a identidade nacional/cultural brasileira e (iii) dos efeitos dessas representações no seu processo de adaptação no país.

**Palavras chaves:** Linguística Aplicada; universitários estrangeiros no Brasil; representações sobre a identidade nacional e a cultura brasileira; adaptação de alunos estrangeiros no país.

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em um mundo cada vez mais globalizado, em que a experiência internacional na formação acadêmico-profissional se torna, com o tempo, cada vez mais valorizada e procurada. Murphy-LeJeune (2000) afirma que as competências adquiridas durante estadias no exterior são cada vez mais procuradas e valorizadas em um contexto profissional marcado pela globalização. Consequentemente, o número de estudantes que deixam seus países de origem em busca de oportunidades de estudo no exterior cresce exponencialmente. No entanto, ao deixar sua terra natal, esses estudantes passam a vivenciar desafios significativos, não só ordem linguística e acadêmica, mas também de ordem sociocultural. Assim, ao considerarmos os novos desafios que esses estudantes terão que enfrentar, torna-se importante refletir sobre as percepções, muitas vezes estereotipadas, que orientam suas práticas, considerando-se que elas estão a todo

---

1 Sudly Amonsens Raphael Saintil, graduando em Linguística pela mesma Universidade.

2 Dieumette Jean, licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

instante em movimento e em disputa. A consciência dessa problemática, adquirida ao longo de nossa estadia enquanto estudantes haitianos matriculados em cursos de graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, foi o que nos motivou a realizar um pequeno estudo para compor o trabalho final de uma disciplina feita no segundo semestre de 2015.<sup>3</sup> Este estudo, aqui descrito e comentado, teve por meta tentar compreender representações construídas por alguns graduandos e pós-graduandos estrangeiros matriculados, à época, em cursos oferecidos por essa mesma universidade, no que tange aos componentes que constituiriam as, assim chamadas, “identidades nacionais” e “identidade brasileira”. Além disso, buscamos também refletir sobre o modo como esses estudantes compreendiam os efeitos dessas representações no seu processo de adaptação ao Brasil.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

No que segue, discorreremos sobre três conceitos teóricos nos quais nos baseamos na elaboração de nossa pesquisa: os conceitos de *representação*, de *identidade* e de *identidade nacional/cultural*.

Stuart Hall (1997), apoiado em Foucault, descreve três possibilidades de se focar a relação linguagem e sentido: (i) o enfoque reflexivo ou mimético, (ii) o intencional e (iii) o construtivista. Para os adeptos do primeiro enfoque, “o sentido é pensado como que se ele repousasse no objeto, na pessoa, na ideia, ou no evento do mundo real e a linguagem funcionaria como um espelho”, um espelho que refletiria “uma verdade já posta e fixada no mundo” (HALL, 1997, p. 24). No segundo enfoque – o enfoque intencional –, acredita-se que é “o falante ou o autor quem impõem seu sentido único sobre o mundo através da linguagem. As palavras significam o que eles querem que elas signifiquem” (HALL, 1997, p. 25). Mas, argumenta o autor, o sentido não é dado, não é algo que antecede a linguagem. E ele não, tampouco, resultado, produto da intenção do usuário da linguagem: o sentido é algo que construímos através de sistemas representacionais – conceitos e signos. E este é o chamado enfoque construtivista, ao qual Hall se filia. A representação para ele, então, *é a produção do sentido por meio da linguagem*. Essa definição de representação abriga, no seu interior,

a premissa de que as coisas – objetos, pessoas, eventos do mundo – não têm em si qualquer significado estabelecido, final ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, nas culturas humanas – que fazemos as coisas significarem, que significamos (HALL, 1997, p. 61).

---

3 A disciplina em questão foi LA403-Linguagem e Diversidade: pesquisa e ensino.

Hall enfatiza que a representação só pode ser adequadamente analisada em práticas discursivas situadas, tais como aquelas que pretendemos analisar neste texto, de forma a buscar entender que sentidos os alunos estrangeiros em questão constroem para diferentes conceitos (identidade e nacionalidade brasileira) e para o seu processo de adaptação no Brasil.

Devemos esclarecer que, neste trabalho, utilizamos o conceito de identidade, tal como ele vem sendo tematizado na pós-modernidade. Conforme Hall (1998), é devido às constantes e rápidas mudanças estruturais que estão acontecendo nas sociedades desde o final do século XX, que ficou mais evidente que as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, pareciam se constituir de uma essência estável, já que as instituições pareciam nos fornecer sólidas localizações enquanto indivíduos sociais, são agora vistas como descentradas, tanto do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmas. Dessa forma, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão agora em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como sujeito unificado” (HALL, 1998, p. 7). Esse mesmo autor argumenta, então, que a identidade una, plena, estável, segura e coerente é uma fantasia. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmo ou uma confortante narrativa do eu. Isso porque nós não somos constituídos por uma essência estável, fixa, imutável – temos clareza agora que a identidade é algo que construímos por meio de representações discursivas e que está sempre em processo de (re)formulação, de (re)construção. É importante frisar, além disso, que hoje ao falarmos de identidade é preciso completar esse termos com certos complementos, já que são múltiplas as facetas que nos compõem, daí nos referirmos, por exemplo, à identidade cultural, racial, étnica, de gênero, sexual, religiosa etc. Daí melhor seria pensarmos o conceito de identidade como *identificações*, no plural. É nesse sentido que Hall (1998, p. 13) escreveu que quando nos propomos a discutir a noção de identidade, é preciso considerar que o que se tem é uma constante tensão de diversas posições identitárias - ou jogo de identidades -, o que abre espaço para que se pense em identidades de um mesmo sujeito social que podem ser até contraditórias.

Tendo discorrido sobre a concepção de identidade adotada nesse trabalho, vejamos, a seguir, como entendemos a noção de nacionalidade. A esse respeito, diz Hall (1998, p. 47):

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes.

Dessa forma, as identidades nacionais não nos são dadas automaticamente assim que nascemos, “mas são formadas e transformadas no interior da *representação* (HALL, op. cit., p. 48). Isso significa dizer que a identidade nacional de um sujeito é algo que associamos a um conjunto de significados de modo a representá-lo como sendo integrado à uma determinada nação. É esse conjunto de significações que faz com que com nós possamos diferenciar, por exemplo, a nacionalidade brasileira da argentina, a chinesa da australiana, a cabo-verdiana da haitiana, e assim por diante. Uma questão importante em relação às identidades nacionais – na verdade, também a todas as demais identidade sociais – é a sua reação com a alteridade. Segundo Cuche (2002, p. 183), não há “identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra”. O “outro” é, assim, elemento fundamental na constituição do sujeito, já que ele se institui como tal para se diferenciar dessa alteridade. É nesse sentido, que Silva (2000, p. 74) afirma que “identidade e diferença estão em relação de estreita dependência”. A afirmação “sou brasileiro”, por exemplo, está implícito um conjunto de negações (“sou brasileiro porque não sou argentino, não sou francês, não sou italiano etc...”).

Nesse sentido, uma reflexão sobre a noção da identidade nacional deve buscar refletir sobre o que constituiria, o que caracterizaria o pertencimento a uma determinada nação, já que uma “nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural”(HALL, 1998, p. 49).

De acordo com Bauman (2005, p. 26), por exemplo:

A ideia de identidade, particularmente identidade nacional, não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana, essa ideia foi forçada a entrar no *lebenswelt* de homens e mulheres modernos – chegou como ficção. Ela nasceu da crise do pertencimento e do esforço que está desencadeado no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia.

Nessa linha de pensamento, é importante ressaltar que o conceito de identidade nacional começa a ser definido somente a partir do século XVIII, e se consolida no século XIX, não havendo, antes disso, a concepção de nação propriamente dita. Pretendendo ser o patrimônio cultural de uma sociedade, a identidade nacional busca manter sua originalidade para se diferenciar de outras nacionalidades.

No que se refere ao conceito de “cultura nacional” é preciso esclarecer que, embora ela seja com frequência representada como “una”, trata-se apenas de um rótulo, como esclarece Túlio (2009, p. 37):

O fato de duas pessoas serem de uma mesma nacionalidade é apenas uma característica na vida dessas duas pessoas. É preciso levar-se em conta também as diferenças entre elas. Apesar de terem a mesma nacionalidade, essas pessoas podem ser de regiões diferentes do mesmo país,

podem ter nascido em épocas diferentes, ter diferentes religiões, sexos, orientações sexuais, profissões, hábitos etc.

### 3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O estudo aqui descrito, natureza qualitativa, adotou dois procedimentos de geração de dados: entrevistas semiestruturadas e posterior análise dos dados empíricos coletados considerando o acabou teórico anteriormente descrito. Foram realizadas entrevistas com cinco alunos de perfis, nacionalidade, sexo e faixas etárias diferentes: um estudante haitiano (graduando em filosofia), um indiano (doutorando em química), uma peruana (doutorando em matemática), uma alemã (graduando em Linguística) e uma venezuelana (mestrando em Engenharia Mecânica). Todas as entrevistadas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para a análise. Os nomes dos entrevistados foram mantidos incógnitos para preservar o anonimato dos participantes. Eles serão referenciados pelas siglas que seguem na primeira célula da tabela abaixo:

Aluno(a)	Nacionalidade	Nível	Curso
EH	haitiano	graduando	filosofia
EI	indiano	doutorando	química
EP	peruana	doutoranda	matemática
EA	alemã	graduanda	linguística
EV	venezuelana	mestranda	engenharia mecânica

Como descrito anteriormente, as entrevistas foram realizadas com indivíduos de diferentes áreas de estudo, e de nacionalidades diferentes. Buscou-se, assim, perceber, a partir do mosaico de ideias obtidas juntos a alunos tão diferentes entre si, as aproximações e divergências a respeito das representações acerca dos conceitos de identidade nacional e de brasilidade, bem como acerca do processo de adaptação desses estrangeiros no país. Embora supuséssemos que os alunos das áreas de humanas pudessem estar mais familiarizados com os conceitos teóricos que nos interessavam, pensamos ser também relevante ver como alguns estudantes de áreas de exatas enxergaria essas questões, pois achamos que estudantes de áreas diferentes e de países diferentes poderão perceber essas questões de modo diferente.

Na transcrição dos dados foram observadas apenas as seguintes convenções:

CONVENÇÕES UTILIZADAS NAS TRANSCRIÇÕES	
.	entonação descendente
,	entonação de continuidade
?	entonação indicando pergunta
!	entonação indicando exclamação
<b>negrito</b>	trecho com entonação enfática
...	pausa de mais de 02 segundos
(...)	supressão de trecho da fala
[xxxxxxx]	explicação fornecida pelo pesquisador

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

No que segue, tecemos comentários sobre as representações mais significativas encontradas no nosso *corpus* considerando as três perguntas que fizemos aos entrevistados e que nomeiam os subitens 4.1, 4.2 e 4.3.

##### 4.1 O que, de um modo geral, constitui a identidade de um povo?

Apesar de todos os entrevistados terem tentado definir o que constituiria uma identidade nacional, os resultados obtidos com essa pergunta nos permitiram verificar que dois deles não consideraram essa uma tarefa tão fácil, corroborando assim, o argumento de Hall (1998) e Túlio (2009) de que “identidades nacionais” seria sempre construções, já que as nações não são entidades homogêneas: elas são compostas por inúmeras identidades. A entrevistada EA (estudante da Alemanha) explicitou claramente que é muito difícil falar de “identidade nacional” devido às diferenças existentes no interior de um mesmo país:

*EA: identidade nacional para mim é como você se identifica, você mesmo, o seu país também, mas acho que é uma coisa muito difícil assim... depende de cada pessoa... porque eu posso dizer que sou alemã, mas um alemão do Norte, do Sul... é diferente... então depende como você define a identidade que você tem... eu não me identifico como “alemão”, mas como **uma alemã de certa região**...*

Segundo EH (estudante haitiano), apesar de as pessoas que vivem em um mesmo território compartilharem elementos culturais, certos costumes e de se perceberem como

diferentes de de pessoas que se identificam com outras nacionalidades, ainda assim é preciso cautela quando nos referimos a identidades nacionais:

**EH:** (...) *as pessoas acham que compartilham a mesma ideia, a mesma cultura porque eles interagem junto... e eles se identificam como diferentes das outras pessoas que vivem numa outra identidade nacional...* [os elementos básicos da identidade nacional seriam] a **língua**, **os modos de viver** de um certo povo num certo território. Eu posso responder assim, mas é parcialmente. Por que eu digo parcialmente? Porque na verdade quando você analisa no fundo, **you não encontra uma identidade nacional numa sociedade**. É bem **parcial**.

Os demais estudantes, no entanto, não hesitem em dar respostas bastante taxativas sobre o que constituiria nossas nacionalidades:

**EP:** (...) *é um conjunto de características que identifiquem uma pessoa, como crenças, costumes, valores...* [o elemento básico da identidade nacional] *é a unidade familiar... a solidariedade com o estrangeiro... a luta constante para melhorar a qualidade de educação e de saúde*.

**EC:** *para mim, é ... acho que é, é de onde você vem. É sua cultura, é... suas origens... é sua forma de ser. A língua e também a cultura* [seriam os seus elementos básicos]. *Nós temos diferentes culturas, ou seja é, ah... não sei como falar sobre isso... temos uma história diferente também, cada país tem uma história*.

**EI:** *identidade? Eh... na Índia, nós temos passaporte.. a identidade, né? cartão, né? mesmo que RG – aqui as pessoas têm RG, né? Na Índia as pessoas têm passaporte, né? se você é indiano, você tem passaporte... cartões e passaporte*.

Observe-se que EP (estudante peruana) define a identidade nacional a partir de um conjunto de características que seriam comum a todos os que habitam uma nação (“crenças, costumes, valores”), enquanto que EC (estudante colombiana), a nacionalidades seria quase que uma “fatalidade”, algo do que qual não se pode escapar e que é determinada pelo lugar de nascimento: “é de onde você vem, sua cultura, sua forma de ser”. Por outro lado, EI (estudante indiano) nos deixa saber que, para ele, a identidade nacional é constituída por um conjunto de documentos legais que um indivíduo de um país tem para se identificar. É interessante a relação que esse doutorando em química estabelece entre “identidade nacional” e “identidade jurídica”. Essa mesma relação é abordada, tanto por Cucho (2002), quanto por Bauman (2005). Cucho argumenta que com a edificação dos Estados-Nação a identidade tornou-se um assunto de Estado. Da sua perspectiva, o Estado moderno tende à mono-identificação, seja por reconhecer apenas uma identidade cultural, seja por definir uma identidade nacional referencial. Bauman (2005), por sua vez, expõe para conhecimento que ser indivíduo de um Estado é a única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identificação e no passaporte, e seria esse o que legalmente constituiria a identidade nacional do indivíduo, atributo que EI parece endossar.

A análise dos dados revelou que os entrevistados apontaram vários elementos que seriam, de suas perspectivas, constitutivos da identidade nacional: valores e maneiras de enxergar a vida (ênfase na unidade familiar, ênfase nos princípios de solidariedade); comportamentos; manifestações culturais (música, literatura, etc.); documentos de identificação etc. Chamou nossa atenção, no entanto, o fato de que nenhum dos entrevistados fez menção à bandeira, ao hino, às datas e aos heróis nacionais de seus países – apenas a estudante colombiana parece ter essa questão em mente quando afirma *en passant*: “temos uma **história** diferente também, cada país tem uma história”. Estranhamos a ausência de ênfase nesses elementos porque, para os nossos compatriotas, por exemplo, eles são quase sempre vistos como centrais na identificação do que é “ser haitiano”. As datas que correspondem à fundação nacional estão gravadas na memória dos haitianos e são celebradas por todos: por exemplo, 1º de janeiro, 18 de maio e 18 de novembro, que correspondem respectivamente às datas da proclamação da independência haitiana, da criação da bandeira haitiana e da última; 18 de maio, data da criação da bandeira haitiana; 18 de novembro, data batalha pela independência do país, todas elas ocorridas em 1803. A não celebração desses eventos é considerado algo muito reprovável. Por exemplo, um chefe de estado que, por uma razão ou outra, não comemora uma dessas datas ou fica no exterior em alguma dessas datas, será rapidamente qualificado de estrangeiro, de apátrida. E também, por exemplo, um primeiro de janeiro raramente são os haitianos que não postam uma foto de Jean Jacques Dessalines (ex-escravo, líder, proclamador da independência, considerado como o pai da Nação haitiana), ou uma foto de um platô de “*Soup joumou*”<sup>4</sup>, ou uma foto da bandeira haitiana no seu perfil do Facebook. Vai daí que tínhamos a expectativa de que, pelo menos o estudante haitiano fosse fazer referência a esses elementos como critérios que diferenciariam um identidade nacional de outra. Contrariando essa nossa expectativa, no entanto, ele os ignorou, o que sugere que para esse graduando em filosofia, “ser haitiano” é algo menos palpável, mais complexo do que ser capaz de observar datas no calendário.

É importante ressaltar que todos os entrevistados, sem exceção, fizeram alguma menção à relação língua materna e identidade nacional. A doutoranda em matemática peruana (EP), no entanto, não soube precisar em que sentido a língua materna funcionaria

---

4 *Soup joumou*, em crioulo, pode ser traduzido literalmente para o português como “Sopa de abóbora”. Essa iguaria, também atualmente denominada “sopa da liberdade” no Haiti, era um prato dos colonizadores ao qual os escravos não tinham acesso até a independência. A partir da independência, anualmente, no dia primeiro de janeiro, eles celebram a data degustando-o. Mais informações a esse respeito estão disponíveis em: <http://porumnovohaiti.blogspot.com.br/2012/05/sopa-receita-joumou-sopa-da-liberdade.html>. Acessado em 15 nov. 2013.



como um diacrítico importante na constituição da nacionalidade de uma pessoa. A língua materna foi, por outro lado, referenciada por dois dos entrevistados como um meio de afirmação e de “conservação” de suas identidade nacionais principalmente no país hospedeiro: tanto EC, quanto EH consideraram suas línguas maternas, respectivamente o espanhol e o crioulo haitiano, uma característica principal, de suas identidades nacionais. Segundo EH, a língua materna, é, não só “a base eminente” da sua nacionalidade, pois é o meio pelo qual ele exprime seus sentimentos mais profundos como haitiano. Esse estudante afirmou que a importância de sua língua materna deriva também do fato de que ela serve como ponto de partida para a aquisição de outras línguas aparentadas. Para EI, é nas músicas e nos filmes em sua língua materna que a identidade nacional indiana se expressa com mais vigor. A estudante alemã, ao discorrer sobre a relação entre língua materna e identidade nacional iniciou a sua fala dizendo não acreditar nessa correspondência:

*EA: eu acho que não... para mim não. Algumas coisas a gente nunca perde, por exemplo quando eu faço conta na cabeça, eu vou fazer em alemão, mas quando eu estou em Alemanha... Quando eu deixei o Brasil, eu fiquei contando em português na minha cabeça! Eu acho que é bem curioso, bem interessante isso... porque o português é a língua afetiva quando estou lá [na Alemanha]... quanto sinto falta do Brasil, ai eu fiquei pensando em português. O que é legal é que **língua materna a gente nunca perde**, sempre faz referência com a língua materna. Mas a gente **pode ganhar uma outra língua**, que é a segunda língua, que pode ganhar um **valor bem grande também** ... para mim é assim.*

A fala dessa estudante sugere que, para ela, a sua afetividade não é expressa unicamente em sua língua materna: a sua segunda língua, o português, também pode cumprir essa mesma função, sem que com isso ela se torne menos alemã.

Compartilhamos com os nossos entrevistados que há uma relação importante entre a nacionalidade de uma pessoa e a sua língua materna, já que ela, como afirmou EH, permite a expressão de pertencimento a um povo. Mas, também concordamos com o que afirmou a aluna alemã: o fato de nos comunicarmos em outra língua não nos destitui do que percebemos como sendo nossa identidade nacional.

#### 4.2 O que significa “ser brasileiro”?

Se por um lado a estudante colombiana (EC) disse não saber responder à nossa pergunta acerca do que constituiria a brasilidade, as opiniões dos demais entrevistados podem ser classificadas em dois grupos. De um lado, temos dois dos alunos dos cursos de exatas – EP da matemática e EI da química – que não hesitaram em descrever o que caracterizaria a identidade nacional brasileira. Por outro lado, temos as opiniões

dos alunos de humanidade, EA e o EH (graduandos em linguística e em filosofia, respectivamente) que foram bastante reticentes em suas respostas.

EP prontamente respondeu que o que caracteriza os brasileiros em geral é que eles são muito “solidários”, são “boas pessoas com estrangeiros”, “acreditam em Deus”, “têm muita fé” e também “costumam ter um grande carnaval” anualmente. EI afirmou, coerentemente com o que havia nos dito anteriormente, que, para ele, são brasileiros aqueles que têm RG, CPF e outros outros documentos que os identificam.

EA, por outro lado, deixou saber que é muito difícil falar de uma “identidade brasileira” pois para ela “o Brasil é tão diversificado não dá para falar que o Brasil é isso ou aquilo”. Na continuidade, ela disse que “o Brasil é tão grande, tem tantas pessoas diferentes, tem tantas regiões diferentes... mesmo num país como Alemanha que é muito pequenininha tem isso também, então acredito que é difícil generalizar tudo isso”. Quando insistimos que nos dissesse se, em sua opinião, não haveria algo que caracterizaria o povo brasileiro, ela respondeu:

*EA: depende da visão de cada um, por exemplo, para me a maior diferença é o jeito que cada um enxerga a vida..., por exemplo, os alemães são mais pessimistas, os brasileiros são mais otimistas, mais felizes... Ah tem mais coisas... por exemplo, pontualidade, os alemães são mais certinhos, os brasileiros não. Mas, isso são só exemplos... em geral é difícil falar de uma brasileirade generalizada.*

EH, por sua vez, deixou saber que não é evidente uma identidade nacional brasileira porque os brasileiros não compartilham todos eles os mesmos valores:

*EH: pelo que eu entendo dos brasileiros é que eles compartilham a mesma língua, isso é um traço cultural que eles têm em comum... Então, eles compartilham a mesma língua, e às vezes, eles têm coisas que todos eles gostam ou compartilham, alguma comida. Mas, eu não posso falar que os brasileiros compartilham a mesma identidade nacional... porque se eu falo sobre a identidade cultural, eu vou dizer que todos os brasileiros têm sua identidade cultural... você vai encontrar vários grupos que têm uma identidade diferente, porque a sociedade é dividida em grupos. Então, eu não posso chegar a falar de uma identidade nacional brasileira assim.*

Quando insistirmos que ele nos explicasse porque não se poderia falar em uma identidade nacional brasileira, se, segundo ele, existe uma nação brasileira, o estudante haitiano de filosofia respondeu acreditar que os conceitos de nação e de identidade nacional não podem ser definidos objetivamente. Ele acrescentou que falar em “identidade nacional” é algo bastante diferente de falar no compartilhamento de traços culturais. Porque, os brasileiros podem compartilhar alguns traços culturais, mas que não é possível universalizar isso; isso não significa que haveria uma característica comum a todos os brasileiro. Ele concluiu sua fala afirmando: “como não eu não vou conseguir

analisar o comportamento de **todos** os brasileiros, eu não vou conseguir universalizar os brasileiros numa característica específica”.

Como alunos de cursos de ciências humanas, é possível, ou mesmo provável, que EA e EH já tenham passado pela experiência de refletir sobre o fato de que é impossível falar na existência de uma única “brasilidade”, sem recorrer a características estereotipadas que, embora possam mesmo descrever vários brasileiros, com certeza não correspondem à descrição de todos os cidadãos do país.

#### **4.3 Quais os efeitos da cultura brasileira no seu processo de adaptação no país?**

Como já apontamos anteriormente, nós, como estudantes estrangeiros que somos, acreditamos que as representações que alunos estrangeiro constroem acerca da cultura do país hospedeiro impactam o seu processo de adaptação nesse novo ambiente. Os discursos que analisamos revelaram que essa nossa crença parece ser compartilhada por quase todos os entrevistados. A maioria deles afirmou que a cultura brasileira tem influenciado positivamente no modo como eles vêm se adaptando ao Brasil.

A estudante alemã (EA), por exemplo, ressaltou que a abertura do cultura hospedeira para a diversidade, para o multiculturalismo facilitou sua adaptação ao Brasil: “a cultura brasileira é formada de estrangeiros... é uma mistura... por isso eu me sinto muito bem dentro da cultura brasileira.”

EH afirmou que o modo como os brasileiros que conheceu lidam com alguns assuntos influenciou a sua própria construção identitária. Como exemplo, citou a questão da homossexualidade. Disse que logo que chegou à universidade estranhou o modo como os seus colegas brasileiros pareciam não discriminar os estudantes que eram claramente homossexuais, já que em seu país a homossexualidade sempre foi um tabu, algo que não podia ser assumido publicamente. E foi o fato, disse ele, de ter tido contato com atitudes não preconceituosas, não homofóbicas que fez com que ele passasse a não ter mais problemas para conviver com gays como tinha no início, o que foi um grande ganho na sua vida.

Também a estudante peruana (EP) afirmou que o contato com a sociedade brasileira terminou por influenciar o seu modo de pensar, inclusive no que diz respeito ao conhecimento, à sua performance acadêmica: “na verdade neste país aprendi que, embora tenha aprendido muito matemática ainda existe muito mais pela frente”. Ela explicou, ainda, que o não conformismo dos brasileiros a contagiaram e que agora ela acredita que tudo pode ser melhorado.

Segundo EC, por ser “o Brasil um país muito avançado em comparação com outros países ao nível latino americano”, ela aprendeu muito no contato com a cultura brasileira o que facilitou o seu processo de adaptação.

Apenas o estudante indiano (EI) afirmou que a cultura brasileira não influenciou o seu processo de adaptação no país. Achamos, no entanto, que essa sua resposta pode ter sido o resultado de sua dificuldade de compreender o que é lhe dito em português: de todos os entrevistados, esse estudante era o que tinha o menor nível de proficiência nessa língua.

Estudar num país estrangeiro, conviver e se relacionar com pessoas de outras nacionalidades são fatos que abrem a nossa percepção do mundo e, com isso, quase sempre passamos a compreender e aceitar a diferença, a diversidade. Mas, viver no exterior sempre implica em ter que enfrentar dificuldades. E quais foram as dificuldades apontadas pelos participantes de nossa pesquisa em seu processo de adaptação no país?

Todos os entrevistados, sem exceção, indicaram as dificuldades de adaptação ao Brasil que têm ou tiveram devido ao desconhecimento da língua portuguesa. A estudante colombiana (EC), por exemplo, afirmou:

*EC: Sempre há dificuldade, e uma dificuldade é a língua, né? Porque se você não fala, não se pode relacionar com as pessoas, você tem que falar: (...) num mesmo país, por exemplo, as pessoas que são de diferentes regiões você não entende e você se sente um pouco esquisita (...) agora ir ao outro país o problema é ainda maior.*

Se a língua portuguesa, enquanto tal, foi representada como sendo um elemento que dificulta ou dificultou a adaptação desses alunos ao Brasil, o que alguns deles veem como aspectos peculiares do estilo interacional do brasileiro também foi visto, em alguns casos, como dificuldade:

*EH: entrar numa outra cultura é sempre difícil, a começar pela **língua**... você **não conhece a cultura** das pessoas, você não conhece a interação, como eles vão reagir... E eu tive, eu tenho, e eu continuo a ter dificuldades de me sentir integralmente integrado na cultura brasileira... uma coisa que eu percebo dos brasileiros é que **eles gostam de rir**, isso é um traço, é um traço identitário perceptível. **Eu tive problema de entrar nesta questão de rir o tempo todo... o brasileiro é um povo que ri o tempo todo.***

*EP: eu tenho um pouco [de dificuldade]... pois ainda **não sei falar o Português direito**...e sou muito tímida... E acho que **os brasileiros fazem muito barulho em suas atividades, como festas e manifestações.***

Para a aluna alemã (EA), o que mais dificultou sua adaptação ao Brasil foi, além da língua, o seu desconhecimento de como lidar com a questão do “jeitinho” e da falta de pontualidade do brasileiro e o estudante indiano (EI) afirmou que acho o clima e a

comida do país muito diferentes, mas que isso não está servindo de empecilho para sua adaptação ao país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivamos, em primeiro lugar, apresentar e discutir algumas representações construídas por universitários estrangeiros, que estudam atualmente no Brasil, acerca do que eles entendem por “identidade nacional” e por “identidade/cultural brasileira”. Em seguida, tentamos verificar o que, da sua perspectiva, tem/teria facilitada ou dificultado o seu processo de adaptação no país. Adotamos no trabalho os conceitos de identidade nacional e cultural preconizados Hall, (1998), Silvia (2000), Cuche (2002) e Bauman (2005), que de um modo geral, defendem que toda identidade está sempre sendo recriada, (re)formação, pois são construídas por meio de discursos, de práticas e de oposições (HALL, 2003, p. 112).

A análise dos dados revelou aproximações e divergências no que tange às questões investigadas. A língua nacional foi apontada por todos como um dos elementos centrais da identidade de um povo. Interessante foi o fato de alguns dos entrevistados terem apontado que essa mesma língua nacional, no entanto, traz em si mesma uma diversidade de falares, pois cada região de um país tem a sua própria variedade linguística. A importância da língua portuguesa no processo de assegurar uma boa adaptação ao país foi uma questão levada em conta por todos: ser capaz de se comunicar é primordial para conviver e interagir com outras pessoas no país hospedeiro. Mesmo que você não conheça a cultura de um povo, mesmo não você não saiba como as pessoas vão reagir, é fundamental ter, no mínimo, as competências linguísticas básicas para poder enfrentar esses problemas.

Os dados apontaram, além disso, que, enquanto alguns dos entrevistados reafirmaram ideias estereotipadas acerca do que seria a identidade nacional/cultural do brasileiro (um povo divertido, alegre, otimista, que gosta de rir o tempo todo), outros refutaram esses estereótipos. A expressão aberta da afetividade e da sexualidade foi apontada como uma das características do brasileiro vista positivamente pelos entrevistados, enquanto o “jeitinho” e a impontualidade foram indicados como traços de brasilidade que dificultam/dificultaram suas adaptações no Brasil.

Como afirmam Matuck e Meucci (2005), a construção identitária de qualquer indivíduo, decorre de suas ações e vivências ao longo da sua trajetória. Vimos em relação a esse ponto que a experiência de viver e estudar no Brasil afetou, de uma maneira ou de outra, a própria identidade de alguns dos nossos entrevistados. Em nossa própria experiência, a vivência em uma universidade estrangeira, não só nos levou a reconfigurar alguns aspectos de nossa própria identidade, mas também a melhor apreciar

a nossa cultura de origem: viver no Brasil nos fez mais conscientes de nossa singularidade enquanto haitianos. Mas, também tem nos levado a ver as coisas com um olhar diferente, um olhar muito mais tolerante para com as diferenças que nos cercam.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CUCHE D. (2002). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC.
- HALL, S. *The Work of Representation*. In: HALL, S. (Org.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks/New Deli: Sage/Open University, 1997, p. 2-73.
- HALL, S. (1997). “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo”. *Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46.
- HALL, S. (2006). *A Identidade Cultural na Pós--modernidade*. Tradução de T. T. Silva e G. L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- MATUCK, A. e MEUCI, A. (2005). “A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais”. *Anais do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0571-3.pdf> Acesso em: 25 jan. 2015.
- MURPHY-LEJEUNE, E. (2003). “Mobilité internationale et adaptation interculturelle: les étudiants voyageurs européens”. *Recherche et Formation*, no.33, 2000, p.11-26. Disponível em: <http://ife.ens-lyon.fr/publications/edition-electronique/recherche-et-formation/RR033-02.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2016.
- SILVA, T. T. (2000). “A produção social da identidade e da diferença”. SILVA, T. T. (2000) (Org.) *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes.
- TILIO, R. (2009). “Reflexões acerca do conceito de cultura”. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, vol.VII, n. XXVIII Jan-Mar 2009, p. 35-46.